

METZ, Márcia. **Atrizes gordas**: como os padrões estético-corporais são construídos em nossa cultura. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas do Instituto de Artes; Mestrado; Orientadora Sílvia Balestreri Nunes; Mestranda; bolsista CAPES.

RESUMO

O presente artigo discute a hipótese de que o protagonismo teatral feminino repercute um padrão estético-corporal análogo ao padrão estético-midiático vigente. São apresentados dados parciais da pesquisa de mestrado intitulada "Atrizes Gordas: o padrão estético-corporal das protagonistas teatrais", que busca determinar, através de uma amostra quantitativa, o padrão corporal que se repete na cena teatral. Através da relação entre esses dados e o referencial teórico, procura desmistificar a existência de algo que seja natural do ponto de vista cultural e tenta mostrar como se constrói um imaginário que associa as mulheres gordas ao fracasso, desleixo e feiura. Para que assim na continuidade do estudo seja possível mostrar a resistência das atrizes gordas que atuam no teatro com a beleza de seus corpos não padronizados.

Palavras-chave: Atrizes gordas. Padrão estético-corporal. Padrões culturais. Corpo não padronizado.

Grosses actrices: comment les motif esthétique-corporel sont construits dans notre culture

RESUMÉ

Cet article discute de l'hypothèse selon laquelle le protagonisme théâtral féminin réverbère un motif esthétique-corporel analogue à la norme esthétique-médiatique actuelle. Les données partielles de la recherche de maîtrise intitulée "Grosses actrices: le schéma esthétique-corporel des protagonistes théâtraux" sont présentées, qui cherchent à déterminer, à l'aide d'un échantillon quantitatif, le schéma corporel qui se répète sur la scène théâtrale. À travers la relation entre ces données et la référence théorique, il cherche à démystifier l'existence de quelque chose de naturel du point de vue culturel et à montrer comment construire un imaginaire associant les grosses femmes à l'échec, à la négligence et à la laideur. Ainsi, dans la suite de l'étude, il est possible de montrer la résistance des grosses actrices qui jouent dans le théâtre avec la beauté de leurs corps sur un motif esthétique.

Mots-clés: Grosses actrices. Motif esthétique. Modèles culturels. Corps non normalisé.

O culto ao corpo, talvez, nunca tenha estado tão em evidência. Os padrões estético-corporais a serem seguidos nos cercam cotidianamente: capas de revistas, *outdoors*, publicidade variada, as redes sociais, os *influencers digital*s e os protagonismos representados na ficção exaltam modelos restritos de beleza, como àqueles considerados aceitáveis.

O corpo ideal tem variações conforme a cultura em que esteja inserido. Porém em um mundo capitalista e que busca uma globalização que atenda determinados interesses econômicos, o corpo padrão também passa por uma homogeneização. E o padrão estético-corporal vigente, reproduzido a partir do ocidente, exclui os corpos gordos deste ideal.

Os padrões de beleza e magreza não são únicos, mas são praticamente inatingíveis no todo, gerando uma eterna frustração e alimentando uma indústria extremamente rentável. A cultura *fitness* que vai desde acessórios, suplementos, alimentação até às academias de ginástica, movimentou 1,9% do PIB brasileiro em 2016 (R\$ 67 bilhões). O Brasil é um dos países onde mais se consomem moderadores de apetite e produtos de beleza, além de ser recorde em cirurgias plásticas (SANT'ANNA, 2014).

As contemporâneas sociedades ocidentais estabeleceram a relação entre beleza corporal, inteligência e poder aquisitivo elevado. A expectativa geral é de que as pessoas bonitas sejam as bem-sucedidas em todas as esferas da vida e todos nós queremos partilhar deste ideal de felicidade, aliás somos pressionados para tal desde o nascimento. Buscamos dentro de cada cultura modelos de sucesso a serem seguidos (QUEIROZ; OTTA, 2000). O “nosso imaginário não está habituado a ver os feios vivendo esse tipo de realização, o que nos leva a associar a sensualidade à beleza e a glorificar a ‘tríplice aliança’ formada por beleza, magreza e felicidade” (MARCELJA, 2016, p. 1) e esta propalada realização engloba às questões financeiras e profissionais, mas também a vida amorosa e sexual. Esse imaginário é presente no cotidiano e em qualquer tipo de obra ficcional. Quantas heroínas gordas, com finais felizes conhecemos no cinema e na televisão?

O teatro como algo que está inserido no mundo não pode ser tão diferente de nada que exista no mesmo. Sendo assim está sujeito e influenciado pela cultura onde for realizado, o que também ocorre com o corpo

em cena, que tende a refletir a sua época e os padrões culturais vigentes da mesma (ROMANO, 2005).

Os séculos e as culturas podem ser diversos, mas comumente, em todos eles, o tratamento dispensado às mulheres é muito diferente daquele dado aos homens. Sobre os corpos delas incidem exigências sociais com maior imposição, uma vigilância eterna em como se portar, mostrar e ser. As mulheres tiveram ganhos em termos de direitos sociais nas últimas décadas, avançaram em cargos de poder, em independência sobre suas escolhas, passaram a ser maioria nos bancos acadêmicos e até chefiar países. Vale ressaltar que a mulher que obteve esses avanços expressivos é, em especial, a mulher branca ocidental. Para as mulheres negras a entrada na Universidade foi muito mais tardia e ainda, nos dias de hoje, é menos expressiva, por exemplo, ou como bem salienta Sueli Carneiro (apud RIBEIRO, 2017, p. 48) “quando falamos em romper com o mito da rainha do lar [...] de que mulheres estamos falando? As mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, [...] porque o modelo estético de mulher é a mulher branca”.

O modelo de mulher ideal como aquela bela dona de casa, preocupada com o marido, com as crianças, muito bem penteada e maquiada foi sendo abandonado pelas mulheres, os lares deixaram de ser as prisões de outrora e decorrência disso surgiu o *mito da beleza*, como uma ferramenta de controle social. Coincidentemente ou não, as preocupações exacerbadas com o peso tornaram-se maiores quando a mulher obteve o direito ao voto. Ao mercado econômico capitalista não era interessante pagar os mesmos salários a toda essa nova mão de obra feminina, que crescia exponencialmente. O sistema funciona com salários baixos, mão de obra reserva e necessidades inventadas e variadas de consumo. Era preciso que elas estivessem aprisionadas de algum modo, nada melhor do que usar do artifício da beleza, conceito que pode parecer vago, mas que ao longo dos séculos talvez tenha sido dos mais utilizados com referência às mulheres (WOLF, 1992). Para o sistema econômico funcionar a contento elas devem cumprir uma tríade, onde sejam: belas, femininas e maternais (GOELLNER, 2003).

As mulheres passaram a se sentirem inferiorizadas no que tange a sua aparência. Elas vivem em busca de um ideal quase impossível, comendo cada

vez menos (o que na prática nos enfraquece), tentando emagrecer três quilos (as que já são magras) constantemente, usando boa parte do dia pensando nas calorias do que consomem, na atividade física que deveriam estar fazendo e no quanto elas são as únicas responsáveis por terem um corpo saudável e belo. Gastam energia demais com isso, rivalizam com outras mulheres e despendem boa parte de seu salário com essas questões. Inclusive mulheres bem-sucedidas profissionalmente e independentes, que às vezes não admitem ter estas angústias, talvez pelo medo de parecerem superficiais, também caíram nesta prisão (WOLF, 1992).

A gordura não está apenas associada à beleza ou falta dela, mas a uma personalidade defeituosa, pessoas gordas são consideradas desleixadas, preguiçosas – só é gordo quem quer – abjetas e até mesmo doentes. Elas precisam dar alguma utilidade pública ao seu peso sujeitando-se a um trabalho duro ou sendo uma ‘boa gorda’ que é acolhedora, confiante e serve como humorista. A gordura está associada à lentidão que é o oposto do que se espera de uma sociedade veloz, produtiva e massivamente industrial, onde tempo é dinheiro (SANT’ANNA, 2001). Ser gorda conta negativamente até mesmo em entrevistas de emprego para cargos que não tenham nenhuma relação com a ‘boa aparência’ (BERGER, 2006).

Ainda que nos últimos anos exista um mercado *plus size* em ascensão e que algumas mulheres gordas, através das redes sociais, tenham galgado uma representatividade positiva, esses mesmos meios reforçam o modelo de magreza como o ideal. E mesmo o mercado da moda, voltado para as numerações maiores, procura modelos com uma certa higienização da gordura, seja no físico em si ou no tratamento feito em suas fotografias, ao divulgarem suas marcas. Ou seja, as gordas quando convidadas a aparecer devem ter cabelos sedosos, pele hidratada, uma relação equilibrada de busto, cintura e quadril, de preferência serem acinturadas, sem uma barriga muito grande e belas de rosto. Traços de celulite, estrias, manchas ou cicatrizes devem ser eliminados (EIRAS, 2016).

Este padrão estético-corporal vigente da magreza é algo inventado. Seja a magreza da passarela (1,80m de altura e 50 kg) ou a magreza sarada, (bumbum durinho, barriga chapada, musculatura rija). A beleza é algo subjetivo, mas fazemos parte deste construto social que nos ensina que uma

mulher gorda é feia e procura invisibilizar este corpo. Uma vez que os padrões não são naturais, qualquer esforço para propagar ou esconder determinado corpo, carrega em si os indicativos do tipo de sociedade que se deseja construir. O culto ao corpo, que no Brasil teve o seu *boom* nos anos 1990, não deixa de se configurar como uma cultura, que esboça a identidade desejada para a mulher brasileira (BERGER, 2006).

A cultura é imanente à nossa condição humana, ou seja, é o traço que nos distingue dos demais animais. Muito pouco temos de inato, e, talvez, só no campo biológico. Nossos comportamentos e crenças fazem parte da interiorização de padrões culturais. O modo como andamos, falamos, rimos, comemos e até as nossas emoções estão vinculados a esses padrões (ASSIS; NEPOMUCENO, 2008).

O teatro carrega inúmeras características muito distintas dos meios audiovisuais. A começar por uma questão mercadológica, afinal não movimenta cifras expressivas. Mas é inevitavelmente influenciado por eles e pela cultura circundante que interfere em todos os meios. Esse maior afastamento da relação de mercado dá uma aura ao teatro de um local/espço/acontecimento mais alternativo, livre de tudo o que for tido como convencional. Por um lado, acreditamos que a diversidade de corpos é sempre bem aceita, por outro, vemos certos corpos se repetirem com destaque na cena. Por um lado, as mulheres gordas encontram um espaço onde possam atuar, mas por outro é recorrente a reclamação de que foram preteridas em escolhas de elenco ou têm uma personagem secundária.

Essas impressões sobre a representatividade das atrizes gordas estavam baseadas em conversas informais e na sensação particular ao assistir muitos espetáculos teatrais. Surgiu assim a necessidade de realizar uma amostra quantitativa para verificar se este padrão estético-corporal existe de fato no teatro.

Apresento dados parciais da pesquisa de mestrado intitulada provisoriamente de *“Atrizes gordas no protagonismo teatral: o padrão estético-corporal compondo o discurso na cena do teatro através de corpos não padronizados”*, iniciada em agosto de 2017 no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O recorte desta amostra foi realizado em três momentos, nos meses de novembro e dezembro de 2017

com espetáculos em cartaz, no *Festival Porto Verão Alegre 2018* e no *Festival Palco Giratório - SESC2018*, totalizando 38 espetáculos apresentados e realizados em Porto Alegre, RS. A partir desses, foram observadas as características físicas de 72 atrizes no que tange a estatura, a idade, a cor dos olhos, o tipo, a cor e o comprimento dos cabelos, a cor da pele e o peso.

Considerando que a altura média da brasileira¹ é 1,60m, 75% das atrizes podem ser consideradas de estatura mediana. Para a idade foram estabelecidas faixas de idades aparentes. Não havia nenhuma atriz aparentando mais de 76 anos. A faixa etária com maior proporção é a de 36 a 45 anos de idade somando 30,5%, seguida pela de 26 a 35 que perfaz 28%. Por serem faixas por proximidade, é possível que neste trânsito entre elas majoritariamente estejam as mulheres aparentando 30 anos. Entre as idades aparentes de 21 a 45 anos temos um total de 78% das atrizes.

Quanto a cor dos olhos, os claros (azuis, verdes, acinzentados, cor de mel) somam 22,1%, já os olhos escuros 77,9%. Para especificar os cabelos foram considerados três aspectos cor, tipo e comprimento. Quanto a cor há predominância do tom castanho em 29%, seguido pelo loiro 21%, ainda assim considerando os três tons mais escuros eles representam juntos 61%. O tipo liso tem uma predominância de 44,4%, a soma de crespos e cacheados perfaz 22,3%. E os cabelos médios aparecem em 48,6%. Entre médios e longos são 84,7%.

A cor da pele pode ser um assunto bastante controverso. Recentemente várias discussões têm sido levantadas sobre o *colorismo*, que é um conceito usado para chamar a atenção para os diferentes níveis de preconceito e marginalização sofridos pela população negra, dependendo de quão mais afrodescendente é a sua aparência. Isso vai além da tonalidade da cor da pele, também se refere a outras características, como a largura do nariz, a grossura dos lábios e a textura dos cabelos².

¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2016/07/brasileiro-cresce-em-altura-nos-ultimos-cem-anos-mas-ainda-e-baixinho-conheca-o-ranking-global.html>. Acesso em: 21 mar. 2018.

² SCHREIBER, Mariana. **O que é colorismo, o conceito que está na boca de youtubers contra o racismo**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-colorismo-o-conceito-que-esta-na-boca-de-youtubers-contra-o-racismo/>. Acesso em 22 mar. 2018.

Sobre a pele europeizada é preciso distinguir um tipo europeu de pele extremamente clara/pálida (nórdico) de outra cor ainda considerada branca, porém que é mais escura (mediterrâneo) e assemelhada a um bege ou amarelo queimado. Estas tonalidades distintas podem ser encontradas em pessoas consideradas brancas, que mesmo sendo mais escuras apresentam traços caucasianos como feições de nariz, formato da boca e tipo de cabelo.

A pele branca, ou seja, clara figura em 51,5%, somando todos os tons identificados como caucasianos, próximos a traços europeizados temos 88,9%. Apenas 8,4% pode ter a aparência relacionada a traços afrodescendentes. A aproximação com traços indígenas está representada por 2,7%.

Com relação ao peso os dados apontam que 41% das atrizes estão com um peso mediano. Porém se somadas as medianas, consideradas 'normais' por parecerem ter um equilíbrio e proporção em suas formas físicas, junto às magras este índice sobe para 69%, adindo as muito magras 74,5%. Atrizes acima do peso figuram 22% e muito acima, ou seja, **gordas 2,5%**.

Nenhuma outra característica física diferenciada ficou latente nesse grupo de atrizes. Também não foi identificada nenhuma protagonista com deficiência.

Com base nesses números podemos visualizar uma atriz protagonista com o seguinte padrão estético-corporal: uma mulher branca, de estatura mediana, com cerca de 36 anos, olhos castanhos, cabelos lisos de médio a longos e em algum tom de castanho e magra (seja um magro mediano, um magro de passarela ou um magro sarado).

A intenção de obter esses dados não é a de reforçar estereótipos ou exclusões, estampar esses números pode dar uma visibilidade ainda maior ao que já está bem representado. Essa amostra pode gerar discussões também no que se refere as definições. Afirmar peremptoriamente quem são as atrizes gordas não é tarefa simples. Optei por falar em peso acima de um padrão e gordas, para evitar os eufemismos como *gordinha*, *fofinha*, *fortinha*, etc. A indefinição de tais nomenclaturas talvez sempre tenha existido como afirma o historiador Georges Vigarello (2012, p. 13) que os "graus intermediários permanecem por muito tempo sem uma clara qualificação entre o "normal" e o "muito gordo", [...] temos uma alusão ao prestígio dos corpos gordos e uma rejeição aqueles considerados excessivamente gordos". Medidas como o

Índice de Massa Corporal (IMC) da Organização Mundial da Saúde, que poderiam definir quem é gordo, trazem implicações. Além de ser inviável na prática chegar com um medidor até as 72 atrizes para checar o seu IMC, é uma medida padrão para o mundo inteiro, desconsiderando hábitos alimentares de cada região e sua cultura, podendo não dar conta de dizer quem é gorda.

O que se pode aferir nesta etapa da pesquisa é de que prevalece um padrão estético-corporal entre as atrizes de teatro na capital gaúcha e que ele é similar ao modelo de beleza veiculado pela mídia e pelos meios audiovisuais. As atrizes gordas (muito ou pouco) têm uma representatividade pequena. O antropólogo Edward Hall (1984), em suas obras demonstra que os hábitos e condutas de determinada cultura podem esconder, mais até, do que revelar, sendo capazes até de forjarem um hábito deliberadamente por interesses econômicos, políticos e sociais. Para Geertz (1978, p. 20), “a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”. É possível encontrar nesses e em outros teóricos de diversas áreas do conhecimento, assertivas que corroboram na ideia de que os padrões são construções sociais, de que o um modelo corporal é uma construção teórica e abstrata e de que sendo assim podemos modificar os padrões.

Muito provavelmente não se chegue a uma conclusão precisa de como o padrão estético-corporal da magreza passou a prevalecer na nossa sociedade. Temos indicativos na história sobre o estudo do corpo, que nos revelam como a indústria ganhou alto com isso (SANT’ANNA, 2014). Mais fácil, parece, é entender que o teatro reproduza os valores da sociedade em que está e por isso sejam as atrizes magras a terem maior destaque.

O estudo buscará agora formas de evidenciar as atrizes gordas de forma positiva. Já foram realizadas no ano de 2018 duas entrevistas com atrizes que se autodeclararam como gordas e que possuem prestígio no meio teatral porto-alegrense. Através desses relatos, de outros coletados futuramente e de outras metodologias, se deseja que esta pesquisa possa mostrar as atrizes gordas, com seus corpos fora de um padrão, existindo e resistindo no seio teatral. Ainda que replique valores da cultura vigente, com o que há de positivo e negativo nisso, o teatro ainda é um espaço onde a diversidade encontra maior abrigo e diferentemente de outros meios os corpos dos mais diferentes tipos

existem. Por ideal que não seja, parece, que é no teatro que as atrizes gordas encontram um lugar mais acolhedor para fazerem a sua arte.

Referências

ASSIS, Cássia Lobão; NEPOMUCENO, Cristiane Maria. **Processos culturais: endoculturação e aculturação**. Aula 8 da disciplina Estudos Contemporâneos da Cultura do Programa Unidis Grad. Campina Grande: UEPB, 2008.

BERGER, Mirela. **Corpo e identidade feminina**. São Paulo: USP, 2006. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia.

EIRAS, Natália. Sem barriga e celulite: padrão de beleza também afeta modelos plus size. **Universa – UOL**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://universa.uol.com.br/noticias/redacao/2016/09/13/sem-barriga-e-celulite-padroao-de-beleza-tambem-afeta-modelos-plus-size.htm>. Acesso em: 7 nov. 2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Edward Twitchell. Qu'est-ce que l'aculture. *In: Le langage silencieux*. Paris: Editions du Seuil, 1984. p. 38-51.

MARCELJA, Karen Grujicic. Gordura e feminilidade: apontamentos sobre beleza e inclusão na cultura contemporânea. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA*, 18., Brasília, 2017. **Anais...** Brasília, 2017.

QUEIROZ, Renato da Silva; OTTA, Emma. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicológicos na definição da estética corporal. *In: O corpo do brasileiro: estudo de estética e beleza*. São Paulo: SENAC, 2000.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROMANO, Lúcia. **O teatro do corpo manifesto: teatro físico**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **A história da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

VIGARELLO, Georges. **As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.